

CONJURADO

Alice Anzolin
9º ano



SUMÁRIO

Prólogo	3
Capítulo 1	6
Capítulo 2	11
Capítulo 3	14
Capítulo 4	17
Capítulo 5	21
Agradecimento	26

Prólogo:

Estrada de terra

Era uma vez, em um tempo distante, um lugar muito parecido com o que aqui já fora, porém, o que diferencia é que neste lugar há magia e caos. Espécies fantasiosas são reais e a sociedade desenvolveu-se para guardar e usar poderes que aqui seriam sobrenaturais.

Um dia, Merlin Murphy, uma jovem feiticeira, acordara tarde na sua casa na Terra dos Mandados, escutando o som de batidas na porta. Após arrumar-se rapidamente, foi até a porta para receber quem chegara, e foi surpreendida por um pequeno grupo de subordinados do proprietário daquelas terras. Pouco tempo depois, a casa não era mais dela. Quando ela perguntou o porquê, já que ela sempre pagava os impostos corretamente, eles disseram que era sua responsabilidade não ter acompanhado o aumento dos preços.

Era verdade, os impostos estavam aumentando. O quanto ela recebia, porém, permanecia o mesmo, se não diminuía. Antes que ela percebesse, só lhe sobravam sua varinha mágica e uma bolsa com poucos livros e materiais que havia conseguido manter.

Não havia nenhum lugar por perto no qual poderia passar pelo menos uma noite, todavia, sabia de uma cidadela que não era próxima, mas também não tão distante. Essa cidadela era mais conhecida pelos pequenos negócios, não por alojamentos ou pousadas; mas talvez houvesse uma chance.

Apesar disso, não era estranho já estar tão preparada para isso? Mesmo achando praticamente inevitável, não era triste? Ela deveria ficar e insistir ao dono das terras por mais uma chance? Não, não valia a pena. Teria de partir, e se quisesse uma casa nova, precisaria de dinheiro. A cidade a qual queria ir, mesmo que pequena, tinha várias lojas e pequenos negócios; seria um bom começo. Poderia até morar no local de emprego, se deixassem, assim resolveria tanto o problema do abrigo quanto do dinheiro.

A caminhada não era extensa, mas era complicada de se percorrer sem tomar café da manhã, não que isso realmente a incomodasse. Queria que pudesse comprar algo para comer quando chegasse lá, porém conseguira

salvar apenas algumas moedas de cobre. Além disso, gostaria de se garantir para o caso de alguma emergência. Então decidiu que a primeira coisa que faria quando chegasse seria procurar emprego.

O caminho era pacífico, uma estrada ensolarada que atravessava um bosque com um caminho de terra que, nesta época do ano, estava seca. Já não chovia há mais de dois meses e as árvores já haviam sido afetadas pelo calor. Parecia bem mais quente que o ano passado, ou talvez fosse somente impressão; Merlin não gostava de calor.

Depois de umas boas horas de caminhada, ela chegou na cidadela. As ruas não estavam muito movimentadas por ser terça-feira, ou seja, um bom momento para puxar conversa tranquilamente. Estava determinada, até confiante, e logo foi tentar se encaixar em uma lanchonete. Porém, infelizmente, o dono de lá disse que já havia empregado gente demais. Merlin se desanimou um pouco, no entanto, ela pensou: “É somente a primeira tentativa de muitas!”

Logo do outro lado da rua, havia um tipógrafo amador. Merlin quase foi aceita, mas quando pediu por moradia, os gerentes a recusaram. Mesmo se dissesse que era apenas provisório, eles não a deixariam trabalhar lá. Por sorte, a terceira foi certa. Algumas ruas adentro, encontrou uma casa pequena, com uma banquinha na frente, com uma placa escrito “contratando”. Com um sinal tão convidativo, parecia a oportunidade perfeita. Ela bateu na porta e quem atendeu foi uma senhora, claramente cansada.

A senhora perguntou para Merlin se ela procurava por um emprego, ao que ela respondeu que sim. A senhora, então, perguntou para Merlin se ela sabia costurar, ao que também respondeu positivamente. A senhora se apresentou, chamava-se Eliana, e logo convidou Merlin para entrar. A jovem disse que aceitaria o cargo se fosse paga e ainda recebesse um lugar para ficar. Dona Eliana aceitou a proposta, desde que ela aprendesse rápido e fizesse tudo direitinho. O lugar era uma costureira com os donos exaustos, a lojinha tinha uma mesa de madeira do lado de fora, paredes frágeis e acinzentadas e um balcão no fundo da loja, também de madeira. Nos armários

e gavetas, tecidos, linhas e agulhas de vários tamanhos. Já teve dias melhores, mas era lá onde Merlin trabalharia agora.

Capítulo 1:

Luvras de couro

Já fazia cinco meses que Merlin trabalhava na costureira de Dona Eliana e de seu marido. O trabalho era árduo, mas ela não reclamava, pois pelo menos tinha moradia e algo que podia ser considerado um salário. Por sorte, conseguiram contratar outro trabalhador. Ambos mais ou menos da mesma idade e no mesmo desespero, quanta coincidência. Ele e Merlin não eram nada próximos e realizavam todos os serviços separadamente, mesmo quando a situação apertava, talvez por timidez ou por simples desinteresse.

Conforme o tempo passava, o trabalho aumentava para os dois. Parecia que Dona Eliana não queria mais participar, até mesmo quando seus empregados precisavam de ajuda. Pouco tempo depois, ela passaria a ignorar os empregados por inteiro, ou até desprezá-los. Merlin queria muito sair de lá, mas não possuía garantia nenhuma de que conseguiria outra oportunidade assim. Sua insegurança a mantinha entre as agulhas e linhas.

Em mais um dia tedioso de serviço, uma cliente passou pela loja, dizendo que procurava luvas de couro. Essa costureira era particularmente boa em artigos de couro, logo, fazia sentido ela estar ali.

- Claro, - disse Merlin, procurando entre as gavetas, - e qual tamanho você quer?

- Eu não sei, - a cliente respondeu.

- Ah. Acho que essa cabe.

A luva coube, mas era muito frouxa.

- Oh, não... Eu ajusto para você!

- Obrigada.

Dava para perceber claramente que a cliente em questão não era humana, por suas orelhas pontudas e cabelo prateado... Um elfo, provavelmente, uma visão incomum para aquele município.

- Suponho que não more aqui por perto, - disse Merlin, tentando puxar conversa enquanto ajustava as luvas, - o que a traz aqui?

- Vim fazer compras.

- Ah, sim. – Ela em seguida pensou: “Claro que ela só veio fazer compras, é um distrito comercial! Eu sou uma tonta.”

- E o que traz você aqui? – perguntou a cliente.

- Hein? Bem, o dinheiro, né? Eu trabalho aqui.

- Eu sei disso, mas esse lugar não parece nem um pouco prazeroso de se trabalhar. Você sabe que há lugares melhores para isso, certo?

A jovem se perguntava: “Aonde ela quer chegar com isso?” Então respondeu: - Não... Não conheço.

- Há uma grande cidade, um pouco longe daqui, onde é possível encontrar boas oportunidades de ganhar dinheiro, além de outras coisas. Eu suponho que nós duas estaríamos precisando. Você poderia vir comigo, se quisesse.

Merlin estava hesitante, logo, mudou de assunto:

- Veja se as luvas cabem, por favor.

“Cabem sim, obrigada. Peço perdão por ter feito a proposta assim, inesperadamente, mas a senhorita realmente parece cansada. Eu vou para lá amanhã de manhã... Caso...”

Sem nenhuma das duas adicionar qualquer coisa, a moça se retirou da loja. O que mais surpreendeu Merlin foi que aquela moça não estava errada. Merlin estava cansada e queria ir embora, mas não tinha ideia de para onde ir. Era um chamado e tanto, porém, vindo de uma completa estranha. Ainda assim, nenhum outro completo estranho havia sequer percebido seu descaimento ou falta de ânimo. A jovem feiticeira permaneceu com essa pergunta latejando na cabeça, tanto que nem percebeu o quão rápido a noite chegara. Ao amanhecer aquela menina partiria, e se Merlin decidisse acompanhá-la...

De qualquer forma, logo seria tarde. Não tinha muita coisa para fazer antes de dormir. Ela usava uma roupa menos complicada, passava uma água no rosto e ajeitava o local onde dormiria. A casa de seus patrões ficava em cima da loja, mas ela dormia na própria loja, com um cobertor por cima de um banco atrás do balcão e um cobertor por cima dela. Não era muito, nem era confortável, mas foi o que lhe deram.

O sono vinha devagar, enquanto as luzes das tochas que iluminavam as ruas eram lentamente apagadas, e ia embora mais uma vez com o raiar do sol do dia seguinte. Merlin retirou seus cobertores do balcão, colocou seus óculos e limpou rapidamente a loja. Logo, o outro empregado de Dona Eliana entrava para começar seu turno. Naquele dia, porém, ela disse ao seu colega, que estaria muito ocupada com algo diferente e não estaria trabalhando. Ela motivou o colega, esperando a piedade de Dona Eliana, e despediu-se como se estivesse indo ao mercado para a patroa. Contudo, desta vez, levava a própria mochila.

- - -

Ao leste da cidade, havia outra estrada de terra, diferente da qual Merlin chegara, e a única que ia até as cidades grandes. Não era tarde, mas também já não era tão cedo, temia que aquela moça não estivesse mais ali; ela se apressava pelas ruas segurando fortemente a alça de sua mochila, e para seu alívio, ela não havia partido ainda.

- Ora, não é que ela veio? - Pensou a moça.

-- Bom dia... -- Merlin disse, cansada. - A senhorita disse que iria àquela cidade, certo? Espero que não se importe se eu acompanhar.

- Sem problemas. - Ela respondeu, sem expressão.

- Por onde temos que ir? É muito longe?

- É longe, sim. Seguimos a estrada de terra até vermos o vale. Lá poderemos pegar uma carroça.

- Carroça? Desde quando podemos...

- Não se encante, é um vagão de madeira. Sempre vejo uns carroceiros oferecendo carona por alguns trocados.

- E a senhorita tem dinheiro para isso?

- Sim. E você?

Merlin ficou em silêncio. Ela mal tinha dinheiro para comprar um brioche na cidade, era o que sobrava da quantia que sua patroa a dava, pois ela tinha que fazer compras para o estabelecimento com o próprio dinheiro.

- Entendi. - Continuou a moça. - Aliás, não vejo a necessidade de me chamar de senhorita.

- Ah, bem... Eu não sei seu nome.

- É verdade. Me chamo Lumia.

- Eu sou Merlin. Merlin Murphy.

Lumia acenou com a cabeça e pôs-se a seguir a trilha. Merlin estava logo atrás. Era um dia agradável para caminhar, quente, porém as árvores faziam uma bela sombra sobre o caminho. Algumas nuvens podiam ser vistas no céu pela primeira vez depois de meses. Isso deixou Merlin feliz, Lumia, porém, não parecia se importar, inclusive, ao longo da caminhada Merlin percebeu que parecia... Séria demais. Era um pouco intimidador.

O vale ainda estava distante, mas aos poucos se tornava mais visível. As duas haviam caminhado por mais de duas horas, a sombra das árvores mudava de direção para fora da estrada e o sol começava a arder mais forte conforme o meio-dia se aproximava, só a ocasional brisa passava um breve alívio do calor.

O caminho continuava reto até uma pequena cabana. Lumia foi até lá e pediu licença, assim, chamando um homem magro, que chegou animado pela nova clientela.

- Olha só! - disse ele, entusiasmado. - Querem um passeio até Seaphia?

- Quanto o senhor cobra? - Perguntou Lumia.

- Só oito cobres. Era doze, desconto pra vocês, hein!

Lumia procurou no bolso de sua blusa, e logo entregou a quantia ao homem.

- Obrigado, moça! – agradeceu o cocheiro.

Merlin e Lumia embarcaram na carroça enquanto o homem colocava o seu cavalo para puxá-la. Ela pensou: “Não era desconto coisa nenhuma.”

A carroça descia o terreno, e logo podiam ver o vale claramente. Vários morros cheios de árvores seguindo um longo rio, e ao redor do rio, muitas casas e outras construções, circuladas por calçadas enfeitadas de pessoas. O lugar emitia uma força mágica imensa, que podia ser sentida a quilômetros de distância. Merlin olhava para toda a paisagem maravilhada, pois nunca havia ido a nenhum lugar tão grande como esse. Ela pensou: “Finalmente poderei ver e usar magia de verdade.”

- Gostaram da vista? – perguntou o cocheiro, - Essa é Seaphia!

Capítulo 2:

Cartazes

Seaphia era uma cidade comum, ruidosa e povoada, não era exatamente do gosto de Lumia, mas precisava estar ali. Elas se dirigiram a uma praça que tinha um mural de madeira em seu centro, assim como várias outras praças. Neste mural, havia inúmeros cartazes com nomes, endereços e títulos como “procura-se”, “recompensa” e “missão”.

O que chamou a atenção de Merlin foi o fato de que os cartazes ofereciam recompensas por serviços prestados, e esses serviços não eram de trabalho braçal. Todas as missões e pedidos tinham algo a ver com magia: feitiços, encomendas de poções e caças. Muito diferente de onde vivia, em que qualquer magia era olhada com olhos odiosos, e o que mais demandavam era gente para varrer o chão.

“Desde quando há tantos problemas com magia?” Merlin pensou enquanto passava os olhos pelo mural. “Posso ter ficado longe de cidades mágicas por um bom tempo, mas não lembro de ter visto tantas caçadas sendo anunciadas; ou tantos implorando por curas...”

- É algo com a própria natureza. - Disse Lumia, interrompendo os pensamentos de Merlin.

- Hein?

- Você estava fazendo uma cara de paisagem olhando para esse mural. Acontece que este município esteve em confusão por muito tempo, e não conseguiam resolver isso sozinhos. Monstros começaram a invadir o local, pragas começaram a espalhar-se e os poderosos magos começaram a adoecer. Então eles anunciaram que dariam recompensas aos aventureiros que ajudassem.

- Esse povo todo vai falir, - ela murmurou.

- Talvez.

- Tem certeza de que isto é natural?

- Um sacerdote disse que a energia mágica deste local cresceu em quantidades absurdas em um curto período de tempo, isso atraiu os monstros e causou as pragas.

- Por quê?

- Não sabem. Se quer tanto saber, você poderia fazer uma pesquisa acadêmica.

Merlin deu uma gargalhada sarcástica, e pôs-se a buscar por um bom negócio. Não queria participar de uma caçada, nem nada violento. Uma encomenda de poção seria legal, era algo que sabia fazer, mesmo estando sem praticar por um bom tempo. Lumia, porém, tinha outros planos. Ela cutucou o ombro de Merlin e mostrou um papel pequeno, que pedia por uma busca.

Merlin examinou o texto e o pedido:

- Não tem endereço, só o nome do remetente...

- Roy Lopez... Normalmente os cartazes não são assim.

- Quem quer que ele seja, está pedindo por uma busca de uma fonte de energia sombria. Isso não é uma caçada?

- Na verdade, não. Eu peguei algo mais tranquilo para a sua primeira missão.

- E achar uma fonte de energia sombria é tranquilo?

- Pode ser.

- Você tem que estar de brincadeira! - Merlin exclamou.

- Senhorita, está escrito bem aqui, - Lumia apontou para o último parágrafo, - o remetente escreveu "Não o machuque".

- Ué...

- Você sabe lutar? - perguntou Lumia, rígida.

- Acho que sim...

- Serve. É bom você estar preparada caso realmente tenhamos que machucar o que quer que seja esta coisa.

- Mas ele disse...

Sem dar atenção às palavras de Merlin, Lumia arrancou o papel do prego que o prendia ao mural e o guardou no bolso de seu manto. Estava claramente estressada. Merlin havia dito algo de errado? Mas ela não falou nada demais... Vai saber.

Capítulo 3:

Você acredita?

Próximo da cidade central havia uma floresta, densa e extensa, que seguia o rio percorrendo o vale, o lugar perfeito para qualquer atividade considerada anormal. Logo, foi para lá que se dirigiram. Para a surpresa da feiticeira, não encontraram nenhum monstro ou criatura bizarra, somente mato e alguns começos de trilhas. Merlin perguntou por que não havia nada lá, Lumia disse que elas não são as únicas que passam pela floresta, inclusive, há grupos que vasculham o lugar diariamente.

Quanto mais elas adentravam a floresta, mais escuro o ambiente ficava. O bosque, antes deserto, começava a encher-se de pequenas criaturas conforme a noite se aproximava. A apreensão lentamente vinha à cabeça das duas até que decidiram voltar à cidade. Sequer haviam procurado por um local para passar a noite e o sol já estava a se pôr.

As duas traçavam o caminho de volta até a cidade, encontrando no caminho alguns acampamentos pequenos e diversos montes de lenha. Já escurecera ainda mais e a lua começava a iluminar sutilmente o caminho até a cidade, que brilhava com as luzes das casas. Ao chegar ao seu destino, Merlin não quis perder tempo e começou a procurar por pousadas e estalagens, não demorou muito para achar várias, então escolheu a que pedia o menor preço. Não se importava tanto com a qualidade do serviço quanto antes, estava feliz que havia conseguido um preço bom – mesmo que Lumia tivesse pagado, não ela - o quarto, porém, era velho e decadente. Lumia estava um pouco em choque sobre a decisão de sua colega, perguntando se ela tinha bom senso:

- É para economizarmos o máximo de dinheiro possível, - Merlin respondeu. - não é algo que precisamos?

A noite foi mal dormida para Lumia, mas nada demais para Merlin, ela ainda conseguiu se livrar parcialmente da dor nas costas, deixada por dormir em um banco de madeira por meses. Ao saírem da estalagem, Lumia pediu para que escolhesse a hospedagem na próxima vez.

Saíram cedo para poderem procurar profundamente nos arredores do município pela tal fonte de energia. Teriam de refazer o caminho que fizeram no dia anterior até a floresta, só que desta vez seguiriam para um lado diferente. Enquanto repassavam seus passos, Merlin quis puxar assunto:

- Você sabe fazer magia?

- Mas é claro. – Lumia respondeu, achando que era óbvio.

- Eu nunca vi você fazendo nenhum feitiço. Qual magia você tem?

- Bênçãos, magia espiritual, algo assim. Contudo, não uso magia com frequência.

- Jura? Não parece fazer seu tipo.

- Meus poderes foram dados a mim por uma entidade. Pelo menos é o que dizem.

- E você acredita, Lumia?

A elfo permaneceu em silêncio por um momento.

- Se eu realmente quisesse, eu acreditaria, - ela respondeu com um pequeno sorriso, - e você, qual magia tem?

- Bem, eu sei fazer feitiços e poções.

- Mas o que você faz com isso?

- Ah! Eu sou boa com poções de medicina. Eu sabia fazer mais do que isso, porém, não era permitido onde eu morava.

- Naquele vilarejo? Que estranho.

- Não só no vilarejo, nas Terras dos Mandados também.

- Você é da Terra dos Mandados?

- Para falar a verdade, eu não sei. De qualquer forma, eu queria dizer que estou enferrujada nas magias. Acho que eu deveria fazer uma oferenda.

- Para quem?

- Para a natureza e suas entidades. É o que eu costumo fazer quando preciso de alguma coisa. O que temos é o que a natureza deu, certo?

- Agora você pode voltar a praticar.

- Sim! É um alívio.

- As entidades às quais você dá louvor realmente existem. Queria que o mesmo valesse a mim, minha vida seria muito mais fácil.

- Por que isso a faria mais...

Antes que pudesse terminar a pergunta, Lumia a interrompeu fazendo um sinal de silêncio com os dedos. Ambas pararam de andar abruptamente. Com o céu misteriosamente tornando-se mais escuro, Lumia sussurrou:

- Chegamos.

Capítulo 4:

Pau-mandado

Era facilmente perceptível, como se já chegasse a sensação da noite em plenas duas horas da tarde. A origem da energia sombria estava perto, e era forte.

Logo elas encontraram criaturas fantasmagóricas, parecidas com esqueletos humanos, emergindo pela floresta. Que apresentavam um comportamento estranho, pareciam agressivas e se aproximavam com expressões ferozes, mas não podiam sequer tocar em qualquer coisa; na verdade, suas formas espectrais atravessavam todos os materiais com quais tentavam interagir, tornando-as, assim, inofensivas – apenas barulhentas, com seus lamentos incompreensíveis.

Esses seres eram vistos com mais frequência conforme Merlin e Lumia seguiam a energia macabra mata adentro, até chegarem em uma clareira. Lá elas encontraram um rapaz vestindo uma capa cinza-escura, como seu cabelo. Ele lia um livro atentamente e anotava informações no mesmo. De repente, ele estendeu os braços, então uma névoa misteriosa e ainda mais esqueletos surgiram. Não havia dúvida, ele era a fonte.

- Ei, você! - Merlin chamou, - estas suas conjurações estão causando problemas, sabe?

- O quê?! - gritou o rapaz, - quem são vocês?

- Viemos te encontrar, pelo visto! O que é isso tudo?

- Foi o otário do Roy que mandou me procurar? - Ele perguntou, frustrado.

- Exatamente! - Lumia confirmou, segurando uma risadinha.

- Ei! Você ainda não me respondeu, - Merlin continuou, levemente revoltada, - que tipo de assunto você tem com um bando de cadáveres?

Um pouco confuso, ele respondeu:

- Não são cadáveres, sua tonta, são fantasmas. E eu sou um necromante, se não deu pra perceber.

- Bacana, mas esses bichos são muito, muito irritantes, porque estão aqui? - Lumia perguntou.

- Tem um clérigo igualmente irritante que explora o desespero do povo de Seaphia pra ganhar dinheiro fácil. Como morador, quero que ele se mande daqui. – o necromante respondeu.

De repente, aparece outro rapaz, desta vez um ruivo, do meio das árvores. Ele olha para o rapaz de capa escura e diz:

- Adrian, seu moleque abestado, não sai fugindo assim, sem mais nem menos!

O outro olhou de volta com uma cara meio raivosa, meio chocada:

- E você que chamou uns pau-mandados para me rastrear?

- Você é o tal do Roy? - Merlin estava bem confusa, - O que esse marmanjo fez?

- Sim, esse é meu nome! - Ele deu um sorriso bobo. - Eu vim atrás dele porque ele sumia de repente e eu senti um mal pressentimento. Então, já que ele é um moleque trevoso, pedi para me ajudarem a procurar algo trevoso!

- Mas eu te falei o que eu estava fazendo! Adrian refutou.

- Falou?

- Sim, ué! Não tem como eu derrubar um herói corrupto a céu aberto.

- Nem lembro, - ele deu outro sorriso bobo e dirigiu-se a Merlin e Lumia, - nossa, me perdoem pessoal! Que confusão... Porém, acho que está tudo bem agora! Daqui a pouco começa a ficar tarde, vamos meter o pé.

Dito e feito, todos começaram a seguir Roy, como se ele soubesse para onde estava indo (ele não sabia). Por sorte, eles não se perderam ao ponto de entrar em desespero e, mesmo com um tanto de atraso, conseguiram chegar na cidade antes do anoitecer.

- Então, senhor - Lumia começou -, havia alguma recompensa?

Roy a encarou com uma expressão preocupada:

- Nossa, quanta formalidade. A recompensa não é muita coisa, perdoe-me.

- Caramba, até ofereceu recompensa, seu desesperado, - debochou Adrian.

- É a norma, ora! Aliás, não é como se não tivesse dinheiro para gastar. De qualquer forma, vinte e nove pratas. Não é muito, desculpa.

- Hm, para mim está muito bom! - Merlin disse, sorridente.

- Menina, melhore seus padrões. - Falou o necromante.

O céu resplandecia em um tom de anil enquanto as lamparinas das ruas eram lentamente acendidas, assim, eles perceberam que já era tarde. “Bem, boa noite, gente!” Roy se despediu, “e vocês, viajantes, acho bom se cuidarem enquanto estiverem aqui!”

Merlin e Lumia se despediram e aproveitaram a deixa para irem alugar um quarto na pousada; desta vez, como combinado, Lumia escolheria o lugar. Das opções que as duas encontraram no dia anterior, foi escolhida uma que era um pouquinho mais cara, mas também um pouco melhor que a outra. O quarto era arrumadinho, nem muito velho, nem muito novo. Ao entrarem, elas jogaram suas mochilas no canto da parede e sentaram-se no chão, exaustas.

- Cansei. - Merlin suspirou.

- Idem. - Lumia murmurou enquanto coçava os olhos.

- Até que foi legal, sabe? Sinceramente, eu queria ter dado uns socos naqueles fantasmas.

- Se serve de consolo, você pode, porém não com seus punhos.

- Com magia. Eu sou uma estúpida.

- Não diga isso. Amanhã, podemos nos levantar mais cedo e irmos treinar. Aposto que ainda terão fantasmas na floresta. Se você praticar suas habilidades mágicas, com certeza terá mais confiança nelas.

- Sério? Isso não atrapalharia?

- Nada disso. Inclusive, eu acho necessário.

Merlin, apesar do cansaço, mostrava um sorriso radiante:

- Muito obrigada! Prometo treinar bem direitinho!

Então elas foram dormir, esperando o próximo dia.

Capítulo 5:

Não se aprende somente a atacar

O raiar de mais um dia crepitava pela janela do quarto. Merlin acordou com as costas doendo – de novo – e encontrou Lumia, já pronta para sair.

- Bom dia, Merlin.

Merlin respondeu com um grunhido.

- Pode se arrumar sem pressa. Eu vou comprar uns pães para tomarmos café da manhã, já volto.

Merlin se sentia um tanto culpada por não poder ajudar financeiramente, era sempre Lumia que comprava tudo. Mesmo que Merlin perdera quase tudo que tinha quando foi expulsa de casa, e ainda por cima mal ganhava um salário na costureira, ela sentia necessidade de poder ajudar.

Enquanto colocava seu cabelo escuro e cacheado em duas tranças, Lumia voltou com alguns pedaços de pão em sua bolsa e serviu um deles a Merlin, que aceitou e logo deu uma mordida. Ela colocou seus óculos, ajeitou seu cinto e pegou sua bolsa. “Estou pronta agora. Já tomou seu café da manhã?” Lumia fez que sim com a cabeça, então se dirigiu à porta para pagar a estadia. Merlin foi logo atrás.

Na clareira que encontraram no dia anterior, perceberam que a maioria das criaturas fantasmagóricas não haviam se afastado muito de lá, assim como a névoa estranha não havia sumido, quem sabe esperavam pelo conjurador. Os espíritos ainda não haviam tomado apego pelo mundo dos vivos, até estavam menos agressivos comparados a antes; seria fácil devolvê-los ao lugar de onde vieram sem soluções muito violentas.

- Lumia, o que eu faço?

- Eles estão de bobeira, não vão te machucar. Tente os dissolver.

- É o quê?

- Espíritos intrusos podem ser “dissolvidos”, não literalmente, claro, mas você entendeu.

- Como que faz isso?

- Feitiços comuns são o suficiente. Você disse que sua mágica vem da natureza, certo?

- Não sei se você entendeu o que eu quis dizer por completo.

- De qualquer forma, vai funcionar. Aquele necromante fez um trabalho muito do mixuruca.

- Falando nele, - Merlin lembrou enquanto preparava uma magia com sua varinha, - ele disse que estava fazendo algo grande. Você lembra, né?

Merlin conjurou uma magia básica de vento que, ao atingir o fantasma, o fez desaparecer em névoa.

- Eu consegui! - Merlin gritou.

- Muito bem! Continue praticando.

- Ah, continuando... Ele queria expulsar alguém que não era nada de bom, e a gente sabe que ele não é um mago mixuruca, a energia dele era forte, eu lembro bem. Não era?

- É verdade...

- Será que nós devíamos ajudá-lo?

- O pirralho já tem uma babá.

- Isso não foi legal de se dizer.

- E você quer ajudar?

- Não sei. Talvez, mas não agora.

- Tem um esqueleto atrás de você.

Merlin soltou um grito estridente e deixou sair um pequeno raio de energia de sua varinha, que acertou o bicho em cheio, rapidamente transformando-o em mais névoa.

- Assim, já foi melhor! - Riu Lumia.

- Por que eles não vão atrás de você?!

Conforme perambularam pela floresta, Merlin conseguiu dissolver mais uma meia dúzia de esqueletos bizarros, até decidir parar de atacar diretamente e, ao invés disso, procurar formas mais criativas de mandá-los embora, afinal, não se faz magia somente atacando criaturas estranhas. Ela tentou lembrar de feitiços que havia visto há muitos anos: portais, círculos, textos, bênçãos, o que conseguisse. Embora não tivesse muito sucesso pelo resto da manhã, algumas vezes ela quase conseguiu um resultado bom o suficiente.

- Eu sei fazer! - Merlin repetia, revoltada. - Está guardado na cachola, só falta...

- Eu entendi. Vamos parar para almoçar e depois voltamos.

Ela fez uma cara emburrada, mas estava com fome. Um tempo para comer ajudaria a acalmar a mente. A esse ponto, as trilhas marcadas dentre a floresta até o município se tornavam mais claras e fáceis de navegar. Havia muito movimento por lá na hora do almoço, as mesas das tavernas e dos restaurantes estavam lotadas e as filas do balcão eram intimidadoras. Isso, porém, não as fez desistirem. Elas enfrentaram a fila quilométrica de uma taverna, debaixo de um sol ardente de meio-dia, até conseguirem seus pratos de comida, por sorte ainda quentes. Por causa da lotação das mesas, elas tiveram que andar por mais um tempo até uma praça, para enfim sentarem num banco para comer.

O tempo que passaram na fila, porém, serviu para Merlin pensar um pouco sobre o que aconteceu com sua magia enquanto não praticava, e como o que ela faz atualmente poderia melhorar. Enquanto elas estavam na floresta, expulsando os primeiros espíritos, Lumia disse algo que ela mal tinha escutado no momento: "Pense um pouco antes de ter pressa." Merlin só processou a informação enquanto terminava de raspar seu prato.

- Lu, acho que eu penso melhor enquanto estou comendo.

- Isso não faz sentido. - Disse Lumia, confusa.

- Faz sim! Mas também, né... O calor de trinta e dois graus não ajuda.
- Diz a feiticeira que está usando uma anágua e um colete.
- Diz o elfo que está de calça e com um manto nas costas.
- É uma questão de moda.
- Que moda o quê. Te orienta, mulher.

Depois de terminarem o almoço e devolverem os pratos à taverna, elas voltaram mais uma vez à floresta. Ainda podiam ser vistos inúmeros espíritos rondando por aí, agora eles estavam se afastando cada vez mais da clareira. Com um gesto gracioso, Merlin fez outra tentativa de portal para o mundo espiritual e envolveu o esqueleto-fantasma com ele. Em alguns segundos, ele e o portal haviam desaparecido. O resultado não foi perfeito, mas já melhorara bastante. Ambas estavam contentes.

Essas tentativas imperfeitas, mas funcionais, começaram a se aplicar às outras magias que havia tentado antes. Os círculos levavam os fantasmas tranquilamente ao além-túmulo, os textos que tentava ler, porém, ainda precisavam de mais prática. Na verdade, tudo precisava de mais prática. Ela havia apenas entrado no raso, ou melhor, revisitado o raso. Ainda assim, era ótimo estar de volta ao ramo arcano.

Toda a situação ainda parecia estranha. Elas percorriam a floresta incessantemente, porém o número de espíritos não parecia diminuir, pelo contrário, parecia estar aumentando sem parar. O plano inicial era que Merlin expulsasse todos praticamente sozinha, mas ninguém imaginava que se alastraria assim, tanto que Lumia começou a ajudar no processo de expulsão. Ela conjurava feitiços mais complexos, e conseguia dissolver mais espíritos de uma vez.

- Nossa, - Merlin disse chocada - você é muito boa nisso!
- Eu... estudei por um tempo.
- Nossa! Me ajuda aqui então!
- Não precisa pedir duas vezes.

Elas passaram tanto tempo andando em círculos pela floresta que nem perceberam a noite chegando. A luz da lua cheia não chegava ao chão do grande bosque, bloqueada pelas árvores. Com a visão limitada e medo da escuridão, as duas aventureiras concordaram em sair imediatamente dali. O breu não as deixava encontrar o caminho de volta à cidade e não podiam acampar com todos os fantasmas ali. A floresta estava vazia, a não ser por elas e os espíritos.

Perambulando sem rumo, elas acharam um morro com um penhasco. Concluíram que subindo até o topo deste morro, poderiam localizar a cidade e o caminho de volta. A escalada foi tão tranquila, parecia que havia uma trilha espiralando até o topo. De repente, enquanto observava a paisagem, Lumia percebeu:

- É a névoa!

- Como? – Merlin perguntou.

- A névoa deixa os espíritos virem do além-túmulo!

Merlin parou por um momento para pensar, então concluiu:

- Faz muito sentido! Então só temos que tirar a névoa!

- Só? Você já sabe como, gênio?

- A senhorita não é a profissional? Achei que você sabia como.

- Nem pensar que sou profissional!

- Então, - ambas esboçaram expressões derrotadas – teremos de pedir ajuda.

Merlin se aproxima da beira do penhasco para observar os espíritos e a névoa mais uma vez, agora visíveis na luz da lua. De repente, um enorme estrondo ecoou pelas montanhas, e, com isso, um clarão surgiu dentre as trevas da flora.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Dicionário Aurélio

Google tradutor

Nana e galera da Casa™

PEDIDOS DE DESCULPA ESPECIAIS

Exatamente. Isso é porque eu acho que eu poderia ter feito muito melhor e entregado um resultado melhor. Eu ainda tenho que aprender a escrever enredos. Adjetivos são muito difíceis...

Se algum dia eu tiver tempo, eu escrevo algo bom.

Adeusinho.

Alice Anzolin